



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

Temporada de renovação democrática

Dizem que quando mandacaru “fulora” na cerca é sinal de que a chuva chega no sertão. Assim cantou o nosso Rei do Baião, Luiz Gonzaga, e assim aconteceu neste fim de semana, na porta da minha casa. A planta típica do sertão floriu com uma dezena

de lindas e enormes flores brancas. Eu me lembrei com nostalgia da primeira vez que fotografei e vi aquela beleza toda. A chuva nem era tão forte, mas foi o suficiente para fazer desabrocharem as pétalas, iluminadas pelo luar.

Tirei fotos, admirei de novo a planta. Neste nosso Cerrado castigado, é uma esperança de renovação que chega com a estação chuvosa. Estávamos sufocados pela seca, como sempre ocorre nesta época do ano. A umidade baixa nos castigava e ganhou como aliada um calor insuportável. Começa hoje uma nova etapa

democrática, e vi esse encontro com a flor do mandacaru como um sinal. Em primeiro ou segundo turno, as unidades da Federação passam a acertar as contas com seu destino político nos próximos quatro anos. Apesar de as eleições majoritárias chamarem mais a atenção e drenarem a energia do eleitor, o destino está consolidado nas escolhas feitas para o Legislativo.

Talvez sejam os votos mais difíceis. São muitos os candidatos que se colocam nessa disputa, e o eleitor brasileiro, tradicionalmente, demora a decidir. Depois da escolha feita, porém, o esquecimento é rápido.

Algumas semanas se passam, e a maior parte não sabe em quem votou.

Nesse cenário, fica difícil exercer seus direitos de cidadão. Como cobrar um candidato que você nem sabe quem é? Se essa é a nossa missão, estamos falhando. Falhamos também em comunicar aos eleitores seus direitos e deveres. É alto o desconhecimento sobre as duas vagas para o Senado este ano. Igualmente as escolhas para deputado distrital ou estadual.

Gostaria de propor um esforço: que essa fase que viveremos nas Casas do Povo seja acompanhada cada vez mais de perto.

Guardem suas “colinhas”, acompanhem os mandatos de seus candidatos, saibam o que está sendo discutido na Câmara Legislativa e no Congresso Nacional. Depois do voto, esse é mais um passo decisivo para exercer a cidadania.

Enquanto vejo a estação chuvosa chegar, sigo admirando os versos de Gonzaga, que em Asa Branca resumiu com poesia primorosa a vida no sertão. Quando a chuva cair de novo o verde dos teus olhos hão de espalhar pela plantação. “Eu te asseguro, não chore, não, viu / Que eu vortarei”, viu, meu coração.”



Boca da urna, calor e irritação

Apesar das poucas ocorrências policiais, o início da votação em várias seções desafiava a paciência dos eleitores, que apontaram muita lentidão no processo e reclamaram do clima quente. Na volta para casa, muitos enfrentaram demora no transporte público

» NATHALLIE LOPES
» BRUNNA RAMOS
» BEATRIZ OCKÉ
» EDUARDO FERNANDES
» ELIAS FRAZÃO
» IAGO MAC CORD

Para muitos eleitores do Distrito Federal, o domingo de primeiro turno começou como um desafio à paciência. Em diferentes regiões, quem escolheu votar cedo se queixou das filas longas e do andamento moroso da votação. No fim da tarde, a relativa tranquilidade das horas intermediárias deu lugar, novamente, a mais demora para quem deixou o voto para a reta final. No retorno para casa, sobram queixas para a longa espera pelo transporte público, apesar da promessa de que os ônibus funcionariam na escala seguida em dias úteis.

Logo de manhã, no Centro de Ensino Fundamental 6 (CEF 6) do Lago Sul, eleitores passaram mais de uma hora e meia na fila. O produtor cultural Benjamin Cesnik, de 27 anos, atribuiu a demora ao grande movimento, ao tamanho da escola e ao tempo gasto por alguns eleitores na urna. Em Águas Claras, o cenário era semelhante no Colégio Adventista. Votantes ouvidos pela reportagem relataram filas de aproximadamente uma hora, e reclamaram ainda do calor dentro da escola. A situação se repetiu em Vicente Pires. Por volta das 12h, havia locais onde a espera para votar passava de 40 minutos.

Eduarda Brandão/CB/DA Press



Espera de mais de uma hora para votar em escola de Águas Claras: cenário semelhante em várias regiões

No Plano Piloto, a situação não foi muito diferente. Quem optou por votar mais cedo encarou muita espera, de pé, em uma escola da 113 Norte. O local estava cheio, com filas que davam voltas pelos corredores. Michelle Silva Barbosa, de 39 anos, disse ter percebido diferença no ritmo da votação conforme os eleitores entravam na cabine. “Quando tinha muito jovem

na minha frente, ficou mais rápido”, relatou. “O colégio é pequeno, e tinha muita gente pra votar. As pessoas estavam demorando na urna. Aparentemente, digitavam e cancelavam várias vezes”, contou ao **Correio**. Até o coordenador de acessibilidade da unidade reconheceu que o movimento estava acima do esperado. “Está demorando muito aqui”, admitiu Vinícius Costa.

Na Escola Classe 02 do Itapoã, o exercício do direito de voto exigiu paciência, com esperas que chegaram a ultrapassar três horas. O empresário Joilton Guedes do Amaral, 37, expressou a preocupação dos eleitores com o andamento do processo. “Eu já votava aqui, só que neste ano está demais. A média por pessoa está em três minutos”, avaliou. “Se continuar desse jeito, vai



Eu já votava aqui, só que neste ano está demais. Se continuar desse jeito, vai chegar o horário de fechar as urnas e não vai votar todo mundo”

Joilton Guedes do Amaral, eleitor do Itapoã

chegar o horário de fechar as urnas e não vai votar todo mundo.”

No Colégio Elefante Branco, na Asa Sul, Ana Amélia Gomes Carneiro contou que teve dificuldade para localizar sua seção eleitoral. Segundo ela, a mudança para meios digitais pode dificultar o acesso às informações, principalmente para idosos. “Antigamente era mais fácil, mandavam um documento para nossa casa dizendo onde a gente ia votar. Mas agora tudo se resolve por celular, o idoso fica perdido e não consegue achar”, relatou.

Transporte difícil

O funcionamento do transporte público no DF teve avaliações distintas entre os passageiros. Enquanto alguns eleitores conseguiram se deslocar sem dificuldades para os locais de votação, outros relataram longos períodos de espera, ônibus lotados e redução na oferta de veículos ao longo do dia.

Na região central de Brasília, quem retornava para casa após votar reclamava da demora nas

paradas e da necessidade de utilizar mais de uma condução para completar o trajeto. Moradora da Fercal, Daiane Rodrigues dos Santos, de 42 anos, enfrentou dificuldades tanto na ida quanto na volta. “Tenho que pegar o ônibus da Fercal para o Contagem, e de lá pego o do Sobradinho II que passa aqui no Plano”, contou. “Quando a gente chega lá, já pega o ônibus superlotado, tem que vir em pé ou aguardar mais uma hora para pegar o segundo ônibus”. Daiane aguardava há cerca de meia hora na parada quando foi entrevistada.

Domingas Ribeiro, moradora do Jardim Ingá (GO), que votou em São Sebastião, avaliou de forma diferente os trajetos realizados dentro do DF e no Entorno. Ela afirmou que o deslocamento em território brasileiro ocorreu sem problemas, mas que encontrou dificuldades na volta para casa. “O do DF foi bem rápido, mas o de Goiás está complicado para a gente voltar para casa”, relatou, depois de meia hora de espera pela última etapa da viagem.

Elas não desistem de votar

» GABRIELA CIDADE*
» EDUARDA BRANDÃO

Idade avançada e dificuldades agudas de saúde não foram obstáculo para que duas eleitoras do DF fossem exercer o direito de voto, que assumem como dever de cidadania. “Votei em todas as eleições. É importante, para ajudar as pessoas que precisam”, disse ao **Correio** Helena Lopes, de 91 anos. Dois dias antes de comparecer à Escola Classe 06 do Cruzeiro, ela estava no hospital. A filha Ilorca, que acompanhou a idosa ao local de votação, acompanha o compromisso: “Temos que exercer a cidadania. Estou aqui para poder melhorar nosso país”.

Para a professora aposentada Keila Núbia Barbosa, o adversário a vencer eram os impactos de um tratamento oncológico iniciado há dois anos. “Eu dou poucos passos e me canso, me canso bastante. Meu pulmão ainda não está bom”, relatou à reportagem. Aposentada da rede pública em julho, ela sentiu o baque: “Fiz mestrado e doutorado na Universidade de Brasília e, quando eu vi ‘invalidez’, eu chorei duas semanas seguidas”. Mesmo assim, foi ao Colégio In-Nova, onde votou com assistência especial. “Poderia ter pedido atestado médico, para não vir. Mas eu preciso estar aqui: o país precisa mudar”, afirmou.



Material cedido ao Correio

Gabriela, 16 anos, exibe o comprovante do primeiro voto

Euforia no voto de estreia

» NATHALLIE LOPES
» BEATRIZ MASCARENHAS

Aos 16 anos, Gabriela Machado de Figueiredo decidiu tirar o título de eleitor antes mesmo de completar a idade mínima para participar das eleições. Interessada por política, principalmente por pautas sociais e ligadas aos direitos das mulheres, a estudante acordou cedo para viver a experiência de votar pela primeira vez. “É importante exercer o meu direito como cidadã em um país democrático. Votar é fundamental para participar da decisão sobre o futuro do meu país, que é o meu futuro também”, afirmou às reportagens,

sorridente, ao deixar a seção eleitoral com o comprovante de comparecimento.

As irmãs Ana Júlia e Maria Eduarda Cardoso chegaram juntas à Escola Classe 01, em Brazlândia, entre os jovens que votavam pela primeira vez. “Na outra eleição, meu título deu problema e tudo mais, mas nesta estava superempolgada: meu sorriso estava de orelha a orelha”, contou Ana Júlia de 20, estudante de arquitetura. A irmã mais velha, de 21, cursa publicidade e acredita que “você está votando por toda a sociedade”. A mais nova saiu da cabine encantada com um dos detalhes da experiência inédita. “Meu Deus, o barulhinho é muito legal”, brincou.

Eles reforçam as vendas

» JOÃO PEDRO ALVES *

Antes do meio-dia, Maria Josilene já tinha perdido as contas das panelas de pipoca que havia preparado em frente ao Centro de Ensino Médio 2 do Gama. “Nesses dias, a gente ganha um dinheirinho de um lado e do outro”, disse a vendedora de 57 anos. O cheiro de manteiga não parava de chamar eleitores para as tendas dos ambulantes que aproveitaram para impulsionar as vendas.

Foi o caso de Ana Pereira e Gil Pinheiro, mãe e filho que dividiram a barraca entre crepes, churros e frutas temperadas. Foi a primeira vez que os dois decidiram trabalhar no dia da votação. Para

Ana, valeu a pena: “Estamos vendendo bastante”.

Veterano do comércio ambulante na boca de urna desde a primeira eleição para governador no Distrito Federal, em 1990, Irineu Balbino não esconde que já teve domingos mais felizes nas seções mais movimentadas do Gama. “Já foi melhor”, queixou-se para a reportagem. “Agora as pessoas trazem tudo de casa. Mas, de qualquer forma, aumenta um pouquinho as vendas”, admite. Hoje com 71 anos, Irineu aproveita também para reencontrar velhos amigos.

***Estagiários sob supervisão de Silvío Queiroz**



Maria Josilene: panelas de pipoca a perder de vista

Gabriela Cidade/CB/DA Press



Helena Lopes, de 91 anos: “Votei em todas as eleições”

João Pedro Alves/CB/DA Press